



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

*“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”*

04 a 06 de novembro de 2021



## **“ANALISANDO IDENTIDADES”: UM ESTUDO COM NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORES-HOMENS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE TRÊS LAGOAS-MS<sup>1</sup>**

Silvia Adriana Rodrigues

Sofia Azevedo de Almeida Cesar

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

A presença maciça de mulheres na educação da pequena infância vem do entendimento de que o “feminino” possui as capacidades inatas para o cuidado com as crianças, portanto, são consideradas mais aptas a exercer a profissão docente, principalmente nesta etapa da educação escolar. O resultado disto é a feminização do magistério, notadamente na Educação Infantil e, quando homens rompem com esta visão biologizante da profissão, eles têm sua identidade contestada. Sendo assim, esta pesquisa, realizada no formato de Iniciação Científica, buscou identificar e discutir as especificidades da carreira de professores homens atuantes na Educação Infantil de Três Lagoas/MS. A pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, uma vez que, envolveu a obtenção de informações coletadas diretamente pelo pesquisador na realidade estudada, enfatizando o processo e a perspectiva dos participantes. Para tanto, realizamos um trabalho de análise de narrativas autobiográficas, obtidas de forma oral, que trazem elementos das trajetórias pessoais e profissionais de dois professores homens atuantes com a Educação Infantil no município. Assim como no caso da docência feminina, alguns argumentos trazidos pelos participantes reforçam a ideia de que para os professores-homens também existe uma certa predisposição, ou “dom”, para o trabalho com crianças pequenas ou, se não há este sentimento natural no início da carreira, ele se desenvolve quando este indivíduo exerce a função paterna. Contudo, é fundamental entender que a docência não é vocação: é preciso sim haver uma identificação com as tarefas inerentes à profissão, mas para exercê-la, faz-se necessária formação específica. Desta forma, nem a maternidade ou a paternidade, são capazes de habilitar o indivíduo para o exercício da docência, já que a função social do professor é diferente daquela exercida pelos pais e envolve possibilitar às crianças o desenvolvimento em diferentes aspectos, sendo eles físicos, psicológicos, cognitivos e sociais.

**Palavras-chave:** Docência masculina; Educação Infantil; Identidade profissional; Narrativas.

### **Introdução**

É evidente que a Educação Infantil é um espaço predominantemente de mulheres e as estatísticas confirmam esta afirmação. O Censo Escolar de 2017 já apontava que

---

<sup>1</sup> Iniciação Científica CNPq-PIBIC 2020/2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

**“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”**

**04 a 06 de novembro de 2021**



96,6% dos docentes atuantes na educação infantil são do sexo feminino (BRASIL, 2018, p. 16). Cabe aqui, então, um questionamento: por quê? O que este lugar tem de feminino?

Segundo Fávaro e Rossi (2020, p. 531), a presença de mulheres atuando como professoras, principalmente na etapa da Educação Infantil é fruto do

[...] entendimento de que as mulheres teriam as características biológicas necessárias para essa função, como se a habilidade de cuidar fosse algo inerente ao sexo feminino, concepção que foi reproduzida ao longo da história com a feminização do magistério e das práticas sociais que vinculam as questões de amor, afeto e cuidado somente ao universo feminino.

Para Peeters (2020, p. 331), “[g]ênero e sexo estão estreitamente ligados entre si, dado que o sexo, determinado biologicamente, determinará o gênero (masculino ou feminino) que a sociedade espera”. Ou seja, o conceito de gênero é uma construção social e histórica utilizada para “[...] compreender como as características sexuais são representadas, produzidas e valorizadas na prática social [...]”. (HADDAD; MARQUES; AMORIM, 2020, p. 413).

Essa relação entre gênero e sexo é responsável por produzir certos *scripts* de gênero, que definem o que é característico do masculino e do feminino, roteirizando os corpos e os comportamentos de homens e mulheres. Os discursos que reforçam a figura do “ser feminino” como o ser “passivo, amoroso, dócil” (BELLO; ZANETTE, 2020, p. 569) contribuem para este processo de feminização do magistério, uma vez que foi se construindo a ideia de que a docência, principalmente na educação da primeira infância, pode ser entendida como “[...] uma possibilidade de exercício profissional, na qual as mulheres poderiam atuar sem se desviar do seu ‘destino’ de mães e esposas”. (BELLO; ZANETTE, 2020, p. 570).

Ter a mulher como uma “educadora nata”, pode acarretar o entendimento de que a formação profissional das pessoas que atuam com a educação de crianças pequenas não seja essencial, já que “[...] até algumas décadas atrás, para trabalhar com crianças bastava ser mulher/mãe [...]” (FÁVARO; ROSSI, 2020, p. 532), fato que relaciona a ideia do



amor materno como algo da natureza feminina<sup>2</sup> (pensamentos ainda amplamente aceitos no imaginário social).

A figura masculina, por sua vez, por ser construída com base na concepção de força e virilidade, “[...] nos conduz à formação de um ‘homem’ que é portador de uma sexualidade incontrolável, sujeito que escapa à cultura, que se constitui a partir de seus instintos mais básicos” (BELLO; ZANETTE, 2020, p. 563).

A questão levantada aqui é, portanto, a identitária, considerada como a determinação de papéis sociais construída com base em valores e condutas que indicam os comportamentos tidos como “normais” a serem desempenhados pelos sujeitos em espaços definidos. Segundo a visão sociológica, a identidade é formada pela relação do sujeito com o mundo (HALL, 2005). Sendo assim, a construção do “eu” é influenciada em três âmbitos: externo, perante os grupos de convivência; interno, em relação a si mesmo, como parte integrante de um grupo; e o de diferenciação, em que é preciso se afirmar dentro de um grupo em referência a outros grupos (RODRIGUES, 2016, p. 70).

A identidade, em vista disto, não pode ser tida como algo fixo, porque não é construída apenas no tocante a fatores biológicos (como o sexo), mas também sócio-culturalmente, e que, portanto, muda a partir das relações sociais que os indivíduos estabelecem em diferentes grupos, ou seja,

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p.13).

É fundamental, neste ponto, diferenciar a identidade pessoal e da profissional, uma vez que, a identidade profissional “[...] não é dada ou adquirida, não é propriedade, ou um produto, é um espaço de construção da maneira de ser e estar na profissão e desta forma não é imutável, externa ou individual, mas historicamente construída [...]”.

---

<sup>2</sup> Elisabeth Badinter, no livro “Um amor conquistado: o mito do amor materno”, traz uma série de argumentos que nos ajudam a compreender se o sentimento do amor materno é instintivo da mulher ou se este se trata de uma construção social. Respeitando o objeto central do presente trabalho, não abordaremos tal discussão, mas deixamos aqui a sugestão de leitura.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

***“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”***

**04 a 06 de novembro de 2021**



(RODRIGUES, 2016, p. 70). Assim sendo, o processo de construção da identidade profissional está relacionado à posição histórica que determinada profissão ocupa na sociedade.

Vale lembrar que a função social da Educação Infantil, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, é a de promover: “[...] o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos e 11 meses, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, art. 29). Assim, é necessário entender como a identidade docente voltada para a educação da primeira infância se diferencia das demais profissões, porque

[...] ao profissional docente deste nível de ensino cabe oportunizar possibilidades de contato com diversos materiais, organizar o espaço físico e criar um ambiente propício para aprendizagens diversificadas respeitando interesses, necessidades e possibilidades dos pequenos. (RODRIGUES, 2016, p. 189).

Por se tratar de um nível de ensino com especificidades e objetivos próprios, o profissional da Educação Infantil, independentemente de ser homem ou mulher, deve possuir os conhecimentos que possibilitem o cumprimento da função social do cargo que ocupam.

Neste contexto é que se desenvolveu a presente pesquisa, que teve como proposta compreender como os homens que atuam com a educação de crianças pequenas formam sua identidade docente, norteados pelos questionamentos: o que leva um homem a escolher esta profissão? Como os homens se sentem neste espaço?

Tendo isso em vista, a investigação teve como objetivos: fazer um levantamento sobre o perfil/especificidades da rede municipal de ensino no que diz respeito ao quadro de profissionais e política de carreira da Educação Infantil; captar e refletir sobre as experiências de profissionais docentes relacionadas à construção da identidade e da profissionalidade especificamente para a atuação na Educação Infantil; e investigar e discutir a presença masculina no quadro de profissionais da Educação Infantil na rede municipal de ensino de Três Lagoas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

***“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”***

**04 a 06 de novembro de 2021**



Para alcançar tais objetivos, a pesquisa analisou as narrativas de professores homens atuantes com a Educação Infantil no município de Três Lagoas-MS, por entender que essa é uma forma bastante apropriada de se conhecer os participantes. O convite a revisitar sua trajetória, feito aos professores participantes, auxilia no entendimento de como os significados dados às diferentes situações de vida, tanto pessoal quanto profissional, refletem na atuação docente deles.

### **Metodologia**

O papel social do educador infantil é orientar as crianças, atentando-se para suas necessidades, e de criar situações que as tornem protagonistas no processo de construção de conhecimento de si mesmas e do mundo. Assim, estudar a construção da identidade profissional dos professores que atuam na Educação Infantil é, também, uma forma de contribuir para revelar qual o papel que estes profissionais desempenham na sociedade e do caminho formativo que lhes é exigido. Como uma tentativa “[...] de superar as ideias arraigadas no senso comum de que ‘dom, vocação, maternagem e afetividade feminina’ são as marcas, ou exigências básicas, para a prática pedagógica em instituições de educação infantil”. (RODRIGUES, 2016, p. 82).

Neste caso, como o objeto de estudo foi a docência masculina na Educação Infantil, escolheu-se, então, a abordagem de estudo qualitativa, pois o objetivo está mais ligado à “[...] compreensão da realidade e dos sujeitos” (MENDONÇA, 2017, p. 90), visto que, este tipo de pesquisa envolve a obtenção de dados coletados diretamente pelo pesquisador na realidade estudada, enfatizando o processo e a perspectiva dos participantes (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Ainda de acordo com os objetivos traçados, a investigação teve caráter exploratório-explicativo, uma vez que busca obter mais informações sobre o objeto de estudo e interpretá-las, a fim de entender as causas e os efeitos de determinado fenômeno (MENDONÇA, 2017).

Para início do estudo, a Secretaria de Educação e Cultura de Três Lagoas foi procurada para obtenção das primeiras informações; porém, apesar da importância do auxílio do órgão para o estudo dos dados quantitativos com relação ao número de docentes da Educação Infantil da rede e ao número de professores homens atuando nesta



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

**“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”**

**04 a 06 de novembro de 2021**



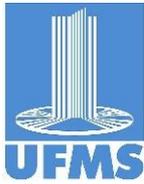
etapa do ensino, não foi possível ter acesso a estes. Portanto, não apresentamos um panorama quantitativo local sobre a docência masculina voltada para a educação de crianças pequenas.

A despeito da intercorrência com relação aos dados advindos da Secretaria, a pesquisa tomou forma a partir do contato com uma profissional que faz parte do Sindicato dos Professores do município, que nos indicou três professores homens que fazem parte do quadro efetivo na rede de ensino de Três Lagoas. No entanto, somente dois deles aceitaram participar da pesquisa, sendo que um não está atuando diretamente em sala de aula no momento de recolha dos dados, mas faz parte do Núcleo de Educação Infantil vinculado à Secretaria de Educação e Cultura de Três Lagoas e o outro, sim, atua como docente na Educação Infantil – pré-escola. Devido ao pequeno número de profissionais homens atuantes no município, bem como de um deles não ter aceito o convite, optou-se por manter o participante que não está trabalhando diretamente com as crianças no momento. Cabe destacar, que se adotou nomes fictícios para os dois professores, sendo estes Marcos e Eduardo, para preservar suas identidades.

Importante esclarecer que a proposta de obtenção das narrativas, a princípio, era para ser escrita, como cartas; contudo, os profissionais externaram que se sentiriam mais confortáveis em fornecer narrativas orais. Tendo em vista o contexto de pandemia de Covid-19, em que é preciso manter o distanciamento social para a segurança da saúde de todos os envolvidos, agendou-se uma data com cada um, segundo a disponibilidade deles, para realização das narrativas, via *Google Meet*; sendo que ambos autorizaram a gravação das narrativas para posterior transcrição.

Durante a conversa, buscou-se trazer à tona as memórias da trajetória de vida dos participantes, de forma que eles pudessem relatar suas experiências com a prática docente. Permitiu-se, assim, o exercício de uma análise crítica e não julgadora sobre o modo como as concepções pedagógicas de cada um foram construídas e os formaram enquanto profissionais da Educação Infantil.

## **Resultados**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

***“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”***

**04 a 06 de novembro de 2021**



Como dito anteriormente, o interesse da pesquisa esteve centrado em entender como é o processo de construção da identidade profissional do professor-homem atuante na Educação Infantil e, a partir disso, refletir sobre como os participantes se sentem em ambiente majoritariamente feminino. As narrativas, neste campo de estudo, podem ser consideradas ferramentas que “[...] direciona(m) o olhar para a importância de se compreender as representações e valores construídos por este profissional sobre a profissão docente, na interface entre a dimensão pessoal e profissional”. (RODRIGUES, 2016, p. 19).

Inicialmente, é importante esclarecer que a obtenção das narrativas se deu a partir de um diálogo entre participantes e pesquisadora, com roteiro previamente estabelecido, mas sem questionamento estruturado, com o intuito de deixar os profissionais o mais à vontade possível para compartilharem sua história pessoal e profissional. Isso fez com que as narrativas tomassem formas diferentes, tendo em vista a liberdade dada aos informantes. Foi possível perceber que um deles, pela própria personalidade, foi mais participativo e conseguiu dar mais informações, enquanto o outro foi mais contido. Entretanto, esta diferença não torna inválida a participação de ambos, já que os dois conseguiram expressar seus sentimentos e pensamentos em relação a diversos aspectos da profissionalidade docente. Esses aspectos serão apresentados e discutidos mais adiante na análise dos dados.

Antes de analisar as narrativas e refletir sobre elas, os dois participantes serão apresentados, em concordância com o que eles mesmos disseram sobre suas trajetórias pessoais e profissionais, para que se crie uma imagem de quem são estes professores e de como suas histórias se comunicam com a docência.

### **Conhecendo Marcos**

Marcos, nascido no município de Jales, Estado de São Paulo, no momento da coleta de informações, estava com 36 anos e atuava como técnico no Núcleo de Educação Infantil da Secretaria de Educação e Cultura de Três Lagoas. Ele é o único homem em uma equipe de quatro pessoas. Segundo relato, o cargo que ocupa o torna responsável pela formação dos coordenadores pedagógicos dos Centros de Educação Infantil da



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

***“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”***

**04 a 06 de novembro de 2021**

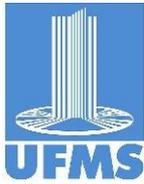


cidade, dando orientação e subsídios para o trabalho destes com as crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, faixa etária atendida por essa etapa da educação básica.

Marcos contou que sua formação para a docência começou em 1999, ano em que ingressou no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) na cidade de Jales. Naquela época, muitos estudantes cursavam o magistério concomitantemente com o Ensino Médio. Ele, então, cursou o primeiro ano do Ensino Médio e depois entrou no magistério em conjunto com a última etapa da educação básica, concluindo os dois cursos em 2003. No final de 2003, prestou vestibular para Letras – Português/Inglês e ingressou no curso da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas, em 2004. Concluiu a graduação em 2007. Fez uma pós-graduação em Gestão Escolar e cursou Pedagogia, módulo presencial, pelas Faculdades Integradas Urubupungá (FIU) em Pereira Barreto.

Sobre suas memórias de infância, relatou que nasceu na zona rural de Jales, por isso, viajava de ônibus, diariamente, para frequentar a escola que ficava na zona urbana do município. Isso da pré-escola até o 1º ano do Ensino Fundamental, porque, aos sete anos de idade, ele e sua família se mudaram para a cidade e, portanto, já não havia a necessidade deste meio de transporte para ir até a escola. De acordo com suas lembranças, ele teve uma infância boa. Apesar de ser de uma família humilde, nunca havia lhe faltado nada, nem no sentido afetivo, nem no sentido material. Por mais que seus pais não tenham concluído nem o Ensino Fundamental, por opção deles mesmos, ele sempre gostou muito de estudar, de estar na escola, de realizar as atividades, principalmente as que envolviam brincadeiras e recortes de papeis coloridos. Além disso, ele contou que se identifica com o hábito da leitura e da escrita, desde a infância, por isso o interesse pelo curso de Letras ao sair do magistério.

Com relação à opção por fazer o magistério, Marcos apontou que o principal fator era seu interesse pelo trabalho com as crianças, mas que o incentivo financeiro que era dado na época para aqueles que cursassem o magistério também contribuiu para que ele decidisse por realizar o “vestibularzinho” que o tornaria apto a ingressar no curso. Segundo ele, a prova era bem concorrida, já que Jales era polo de diversas outras cidades, o que aumentava a concorrência, e que aquele era o único curso que oferecia a já



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

***“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”***

**04 a 06 de novembro de 2021**



mencionada bolsa, o que aumentava ainda mais o número de pessoas interessadas. Porém, apesar de tanta procura, poucos homens se formaram com ele, segundo recordações, eram apenas 6 ou 7 colegas homens em sua turma de magistério.

Ao tratar de sua carreira na área da educação, Marcos contou que, em 2016, último ano da graduação em Letras, prestou um concurso para professor da Educação Infantil de Três Lagoas, já que era habilitado pelo magistério em nível médio para tal função. Ele foi aprovado e tomou posse em 2007 e, por vontade própria, escolheu trabalhar com o pré-2, por se tratar de uma turma com crianças um pouco maiores. Ele imaginava que lecionar para crianças maiores seria mais fácil. Já no final de 2008, prestou concurso para a primeira fase do Ensino Fundamental, assumindo, em 2009, como professor regente, turmas do 1º ao 5º ano.

Sobre suas experiências com a gestão escolar, relatou que a história começou através do incentivo que alguns colegas da escola onde lecionava na época deram a ele, porque reconheciam nele o perfil para a área da gestão. Então, resolveu seguir este desejo e se candidatou a diretor adjunto da instituição em que atuava e exerceu este cargo por 3 anos e 3 meses. Ao final do mandato, ele fez uma avaliação pessoal e sentiu que era hora de deixar o cargo e não concorrer novamente, pois via que já lhe faltava “fôlego” para se dedicar aos desafios inerentes ao trabalho, uma vez que este exigia uma entrega enorme por parte dele. Mesmo não concorrendo à direção, ele foi convidado a continuar na gestão da escola, assumindo, assim, o cargo de coordenador pedagógico. Enquanto coordenador, atuou com 3 turmas de pré-escola e 4 turmas de 1º ano do Ensino Fundamental. Marcos avaliou que esta foi uma experiência muito boa e que gostou bastante de trabalhar com a parte pedagógica. Sua trajetória na gestão continuou com o convite da então Secretária de Educação de Três Lagoas, em 2017, para que ele fizesse parte do Núcleo de Educação Infantil no departamento pedagógico da prefeitura, cargo que ocupa até o momento de concessão da narrativa.

### **Conhecendo Eduardo**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

***“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”***

**04 a 06 de novembro de 2021**



Eduardo nasceu em Castilho, São Paulo, tinha 39 anos no momento da coleta dos dados e atuava como professor regente no grupo 6 (ou pré II), com crianças de 5 anos no município de Três Lagoas e com o 2º ano do Ensino Fundamental em Castilho.

A respeito de sua formação, ele também relatou ter feito magistério pelo CEFAM, só na que cidade de Castilho e, ao mesmo tempo, fez um curso técnico em processamento de dados na Faculdades Integradas Stella Maris de Andradina. Após sua formatura no magistério, ingressou no curso de Contabilidade na UFMS/CPTL, mas desistiu após 2 anos e recomeçou no curso de Letras, pela mesma universidade. Após se formar como professor de Português/Inglês, fez Pedagogia (mas não mencionou em qual instituição de ensino) e fez uma pós-graduação em Psicopedagogia.

Eduardo relatou que não optou pelo magistério por um gosto pessoal pela área da educação, mas em função da bolsa que os estudantes recebiam enquanto estivessem no curso. Contudo, foi por meio do magistério que ele percebeu que gostava mesmo de trabalhar com pessoas e foi este gosto que o levou a desistir do curso de Contabilidade alguns anos depois.

Com relação à quantidade de homens no magistério, ele disse que não havia tantos homens em sua sala no CEFAM; mencionou que era cerca de 80% mulheres e 20% homens e que os homens que ali estavam também se interessavam mais pela bolsa do que pela carreira docente. Tanto que, dos homens que se formaram com ele, ele não se lembra de nenhum que tenha seguido a carreira como professor.

Sobre sua carreira profissional, Eduardo contou que ela teve início em 2005, quando ele foi aprovado em um concurso para professor adjunto no município de Castilho. Por isso, não assumiu nenhuma turma específica, atuou como auxiliar no processo educativo em diferentes instituições onde foi alocado, o que lhe proporcionou trabalhar com crianças desde a creche até o 5º ano do Ensino Fundamental. Já em 2018, assumiu como professor efetivo na Educação Infantil de Três Lagoas. Mencionou, também, que atuou poucas vezes como professor de Língua Portuguesa ou Inglesa, apenas em algumas substituições, mas que foram essas oportunidades que fizeram com que ele percebesse que gostava de trabalhar com jovens/adolescentes.



Este gosto o levou a desenvolver alguns trabalhos voluntários voltados para este público. Porém, infelizmente, ele não contou mais detalhes do que era desenvolvido nestes voluntariados. O resultado destes trabalhos foi sua candidatura a vereador da cidade de Castilho em 2016. Quando eleito, se afastou da docência na referida cidade durante o mandato (2016-2020). Em 2020, ele tentou reeleição, mas, como não foi reeleito, voltou a atuar como professor em Castilho. Já em Três Lagoas, continuou lecionando desde seu ingresso por meio de concurso público.

Sobre seu tempo na política, disse que foi muito importante para sua formação pessoal, mas que não pretende retornar como candidato a nenhum cargo público, porque considera que pode atuar na política de outras formas. Eduardo também atuou na área da gestão, trabalhando durante 2 anos como coordenador pedagógico e, depois, 3 anos na direção da mesma escola onde foi coordenador.

### **Analisando as narrativas**

Para a análise e discussão das narrativas, alguns eixos foram selecionados para nortear a leitura e reflexão das informações, sendo eles: motivação da escolha profissional, identificação com a profissão, realização pessoal e visão de si e do seu papel enquanto homem na Educação Infantil. Acreditamos que estes elementos contribuíram para a compreensão de como é construída a identidade profissional destes homens, envolvidos em uma profissão predominantemente feminina.

O primeiro ponto de análise foi com relação à escolha profissional. Marcos associou sua escolha pela docência com o “dom” de ensinar que reconhecia em si: *“É que eu gosto... acho que nasci pra isso, né?! Nasci para ser professor. Tem alguns que se tornam professor por falta de opção. Eu não”*<sup>3</sup> (Trecho na narrativa de Marcos, 03/03/2021).

---

<sup>3</sup> Apesar de a Norma da ABNT não utilizar esta formatação para os resultados obtidos pela pesquisa, decidimos colocar os trechos das narrativas dos sujeitos participantes em itálico para destacá-los.



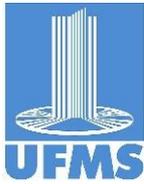
O que chamou atenção aqui foi que, mesmo utilizando o “dom” como principal fator para a escolha pelo magistério, Marcos parece, ao menos, identificar-se com a profissão docente. Ou seja, conforme já afirmado, embora a opção pela docência não seja “[...] simplesmente uma questão de vocação ou dom, [...] é preciso ter um mínimo identificação com a profissão [...]” (RODRIGUES, 2016, p. 69), o que pôde ser percebido na narrativa de Marcos.

Diferentemente de Marcos, Eduardo disse ter optado pelo magistério em função da bolsa que receberia enquanto estivesse no curso e não pelo interesse pessoal pela área educacional.

*Não fui para o CEFAM por amor à educação ou à Pedagogia, naquele tempo ainda muito jovem, eu fui pela proposta de receber um salário, porque o CEFAM ele dava ali um salário para quem cursava. E aquilo pró jovem, num tempo que, assim como hoje, não tem tantos empregos disponíveis, principalmente em cidades do interior, é uma boa proposta. Então eu fui, fiz 4 anos de magistério, comecei a gostar, me identifiquei, percebi ali não tanto que eu queria ser professor, mas eu percebi ali que eu queria trabalhar com gente... que eu gostava de pessoas, né?! Minha área era de humanas, então eu descobri isso no CEFAM, que eu gostava de trabalhar com pessoas, de lidar com gente, que era isso que eu gostaria de fazer. (Trecho na narrativa de Eduardo, 08/03/2021)*

O fato de existir essa bolsa de incentivo aos jovens para fazer o magistério foi citado pelos dois; porém, somente Eduardo colocou a bolsa como fator determinante para a escolha de realizar o curso, mas que continuou na profissão por ter percebido em si mesmo o gosto pela dinâmica do trabalho.

Outro ponto importante trazido pelo relato de Eduardo foi o fato de ele ter mencionado que é casado e pai de duas meninas. Consideramos que cabe uma reflexão a este respeito, porque, diferentemente dele, Marcos não mencionou nada sobre tal questão. É interessante notar que ele mesmo disse que gosta de deixar claro para os pais de suas crianças, logo na primeira oportunidade, o fato de também ser pai, porque considera que isso dê “uma certa tranquilidade” a eles com relação ao trabalho que será desenvolvido. Esse argumento serviria para validar sua atuação com crianças pequenas, pelo fato de exercitar a paternidade, como ele mesmo deixa claro em uma parte de sua narrativa:



*Mas pra mim muda o fato de ser pai, de ter criança em casa, de saber como é ter uma criança em desenvolvimento, crescendo, né, isso ajuda. E talvez os pais... eu falo isso pra os pais porque eles... eles vão perceber que eu tenho criança em casa, que eu sei o que é criar uma criança, né, que eu sei como é criar uma criança, educar uma criança.* (Trecho na narrativa de Eduardo, 08/03/2021).

Ao associar sua capacidade de exercer a função de professor de crianças pequenas com o fato de ser pai, Eduardo parece querer reafirmar sua masculinidade, dando indícios de não entender que as habilidades e conhecimentos inerentes a profissão docente não são alcançados pelo exercício da paternidade, uma vez que

[...] os saberes e fazeres dela [profissão], que permitirão ações pedagógicas de cunho profissional (ou seja, intencional e não intuitivos), são construídos e reconstruídos no processo de formação inicial e no exercício cotidiano da função, marcando, assim, a inesgotabilidade da formação. (RODRIGUES, 2016, p. 69).

Além disso, é interessante pensar que argumentos que reforçam a associação entre a paternidade e o bom exercício da profissão docente podem estar mais ligados ao preconceito de gênero, uma vez que,

A docência masculina na educação infantil causa não só um estranhamento, mas um incômodo que extrapola os espaços da creche e pré-escola, as formas de cuidar e educar estão interligadas pelo controle e/ou pelo policiamento dos corpos das crianças pelo medo do abuso sexual, da pedofilia. (SILVA *et al.*, 2020, p. 516-517).

Partindo para a análise da questão da realização profissional, é possível perceber uma diferença entre os dois participantes. Marcos se mostrou mais realizado, mais satisfeito com sua trajetória e com o lugar que ocupa atualmente (como técnico do Núcleo de Educação Infantil de Três Lagoas),

*E o que que eu bacana também... que é como se fosse assim... até uma vitória pessoal, eu coloco... vitória pessoal e profissional, porque eu não tenho família em Três Lagoas, né?! Eu vim pra cá sozinho porque eu passei no vestibular. Então é... é uma família de classe média, como eu disse, não tinha condições de me sustentar aqui, né?! Então por exemplo, eu vim pra cá, eu fui procurar trabalho pra eu poder me sustentar aqui, né?! Minha família não tinha condições financeiras de me manter numa cidade fora, né?! Então eu fui procurar trabalho, fui trabalhar... eu tive que fazer as duas coisas, tanto trabalhar quanto estudar e foi nesse percurso... cheguei aqui com 19 anos, hoje eu tenho 36, né?! Não é um período muito longo ou não muito curto, mas*



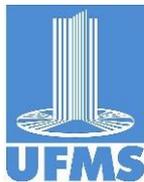
*também não muito longo... de idade eu quero dizer, né?! Dos 19 aos 36 eu considero que é um espaço curto até de tempo eu construí muita coisa, né?! Porque eu cheguei aqui na cidade pra começar uma vida... uma vida... um percurso pessoal e etc., né?! Até esqueci de mencionar que meu primeiro emprego na cidade foi no projeto AABB Comunidade... que eu consegui. Que era aquele projeto do Banco do Brasil... uma parceria entre a prefeitura e o Banco do Brasil, lá em frente ao parque de exposição, né?! Então eu trabalhava... eu trabalhava com turminhas que estavam no contraturno da escola, né?! Então tinha uma turma de 30 crianças que estava no período contrário da escola e tinha que desenvolver uma série... uma série de atividades pedagógicas com elas, etc. e tal. Então eu cheguei e, mesmo sem ter um apoio familiar na cidade, é... eu construí desde a atuação no estágio até hoje estar como técnico da Secretaria... como técnico da educação infantil na Secretaria Municipal de Três Lagoas. Então isso eu... eu observo como uma trajetória muito bonita, né?! De reconhecimento... de reconhecimento do meu trabalho, da minha conduta profissional, do meu empenho, do meu... é... da minha conduta pessoal e profissional, porque quantos e quantos profissionais bons não existem nesta cidade, né?! E meu trabalho, de certa maneira, chamou atenção das pessoas que me conheceram, né?! (Trecho na narrativa de Marcos, 03/03/2021)*

Eduardo, por sua vez, mostrou estar ainda em busca de uma posição profissional mais condizente com seu perfil,

*Eu gosto... eu gosto de lidar com a administração. Gostei bastante de estar na coordenação, na questão da formação do professor. Gostei também de estar na direção da escola, né, na gestão administrativa da comunidade escolar que é mais abrangente... você tem que lidar com o professor, com o aluno, com o pai, com o funcionário, com toda a comunidade escolar. É algo bem abrangente. E eu gostei da... da administração, né?! Mas eu gosto muito também da parte formativa, então assim, a gestão de fato é minha praia... eu gosto, eu gosto da gestão. (Trecho na narrativa de Eduardo, 08/03/2021)*

Enquanto Marcos mostrou, em diversos momentos de sua narrativa, identificar-se com as tarefas próprias da docência para a Educação Infantil, como quando cita o gosto/hábito da leitura e da escrita, Eduardo demonstrou estar mais interessado por cargos relacionados à gestão escolar, isto é, ele acaba se distanciando do contato direto com as crianças.

Mas, ao mesmo tempo, é possível perceber que os dois participantes da pesquisa, ao longo da carreira, voltaram-se (ou pretendem se voltar) para a área da gestão educacional. O que pode nos levar a questionar se a preferência dos homens por cargos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

**“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”**

**04 a 06 de novembro de 2021**



de gestão não estaria relacionada à ideia de que o homem está mais apto a cargos de liderança. Reforçando, por exemplo, o papel masculino de comando, posição muitas vezes considerada mais favorável aos homens.

Com relação à visão de si e do papel que desempenha, Marcos disse entender seu papel, mesmo que não tenha especificado o fato de ser homem e estar ocupando um espaço de maioria feminina.

*A gente tem que ter consciência sim... consciência e humildade de que sempre temos algo a aprender, seja com as crianças, seja com os adultos. A gente nunca está em um estágio que você não precisa mais, né?! Então eu tenho a consciência e a humildade de perceber que eu estou em um processo de evolução, de conhecimento, de aprendizado. Mas o que eu posso te dizer é que eu tenho assim... a consciência de que eu estou sempre fazendo o meu melhor, dentro das possibilidades que eu tenho. É por isso que eu tenho minha consciência muito tranquila que... que eu tenho capacidade, habilidade, conhecimento para estar onde eu estou, né?! Para estar onde eu estou. Mas que a aprendizagem é contínua... seja no pessoal ou no profissional. E o caminho é esse, né?! (Trecho na narrativa de Marcos, 03/03/2021).*

O envolvimento dos participantes com a narrativa foi, claramente, diferente, como um reflexo da personalidade de cada um, já que cada indivíduo percebe a si mesmo e às situações de forma particular, segundo suas próprias necessidades e motivações.

### **Considerações Finais**

Diante da discussão sobre a questão da docência masculina na Educação Infantil, pudemos perceber que, apesar de não conseguirmos mostrar, quantitativamente, o panorama dos professores-homens na rede municipal de ensino do município de Três Lagoas, a pesquisa foi capaz de confirmar a diferença numérica entre o público feminino e masculino que atuam como docentes na educação da primeira infância, porque conseguiu revelar que são apenas 3 homens atuando com a Educação Infantil. Além disso, as próprias narrativas dos participantes da pesquisa confirmaram que estes estão em um ambiente predominantemente feminino.

A feminização da docência, principalmente para esta etapa da educação básica, reflete e é refletida na ideia de que para exercer esta profissão é suficiente um instinto



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

***“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”***

**04 a 06 de novembro de 2021**



materno. Ou seja, como se a condição de professora viesse como uma propensão nata da mulher.

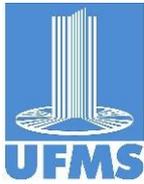
Ademais, “[...] a feminização da Educação Infantil retira, da criança, a oportunidade de convivência com referenciais adultos do sexo masculino” (VASCONCELOS; BORGES; SALOMÃO, 2020, p. 484). Se tomamos a escola como um espaço educacional complementar ao lar, à família e à sociedade, não é possível concretizar tal proposta se ali existir apenas a figura feminina; afinal, na sociedade em geral as crianças convivem com homens e mulheres, com papéis e identidades circulantes femininos e masculinos.

Outros pontos abordados pela pesquisa nos levam a ver que, assim como no caso da docência feminina, alguns argumentos trazidos pelos professores reforçam a ideia de que para os homens também existe uma certa predisposição (ou “dom”) para o trabalho com crianças pequenas ou, se não há este sentimento natural no início da carreira, ele se desenvolve quando este professor-homem exerce a função paterna, o que o tornaria apto para a docência, principalmente, na Educação Infantil.

Contudo, é fundamental entender que a docência não se trata de vocação ou “dom” para ensinar, mas que é preciso haver uma identificação com as tarefas inerentes à profissão. E que, nem a maternidade, nem a paternidade, são capazes de habilitar o indivíduo para o exercício da docência, já que se trata de uma profissão como outras, que exige preparo/formação específica e como tal sua função social é diferente daquela exercida pelos pais; apesar de envolver possibilitar às crianças seu desenvolvimento em diferentes aspectos, sendo eles físicos, psicológicos, cognitivos e sociais, o que também ocorre no seio familiar, na escola tal tarefa deve ser feita de forma planejada, intencional, pedagógica.

A partir disso, as questões que permanecem e que podem servir de base para futuros estudos são: o que mudaria se os homens ocupassem, mais naturalmente, as posições que as mulheres ocupam neste ambiente? Será que as mulheres também não estão contribuindo para estarem sozinhas no espaço da Educação Infantil?

## **Referências**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

**“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”**

**04 a 06 de novembro de 2021**



BELLO, Alexandre Toaldo; ZANETTE, Jaime Eduardo. O homem-professor na educação infantil e a produção da profissionalidade. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 558-579, jul./dez., 2020.

BONIFÁCIO, Gabriel Hengstemberg. **A profissionalização do docente masculino da Educação Infantil**: inserção, estabilidade e atravessamentos. 2019. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba, 2019.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil**, Poder legislativo: Brasília, DF, 23.12.1996, Ano CXXXIV, n. 248, seção 1, p. 27766-27841, 1996. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em 20 jul. 2021.

BRASIL. Notas Estatísticas Censo Escolar 2017. **Ministério da Educação**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2020/notas\\_estatisticas\\_Censo\\_Escolar\\_2017.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2020/notas_estatisticas_Censo_Escolar_2017.pdf)>. Acesso em 02 ago. 2021.

FÁVARO, Jéssica Daniele; ROSSI, Célia Regina. “Vai ser um professor?!”: estranhamentos perante a figura do professor do sexo masculino na educação infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 529-557, jul./dez., 2020.

HADDAD, Lenira; MARQUES, Claudia Denise Sacur; AMORIM, Luciano Henrique da Silva. “Eu acho estranho!” Compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 409-436, jul./dez., 2020.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 7-22.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmasio. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, Priscilla Bibiano de Oliveira. A Metodologia Científica em Pesquisas Educacionais: Pensar e Fazer Ciência. **Interfaces Científicas - Educação**. Aracaju. v. 5, n. 3, p. 87-96, jun. 2017.

PEETERS, Jan. Profissionalidade e gênero: participação dos homens e pequena infância. Tradução por Ângela Scalabrin Coutinho. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 322-340, jul./dez., 2020.

RODRIGUES, S. A. **Viajando pela educação da primeiríssima infância**: sentidos, crenças e valores que sustentam os saberes e as práticas pedagógicas na/da creche.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

**XX SEMANA DE EDUCAÇÃO**

***“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”***

**04 a 06 de novembro de 2021**



2016. 253f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2016.

SILVA, Peterson Rigato da; FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MONTEIRO Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: propostas educativas açucaradas? Questões de gênero na educação da pequena infância. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 507-528, jul./dez., 2020.

VASCONCELOS, Dalila Castelliano de; BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádía Maria Ribeiro. O professor homem na educação infantil: o que pensam pais, mães e educadoras? **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 480-506, jul./dez., 2020.